

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2012

21 a 23 Set Páris e Helena de Christoph Willibald Gluck

Sexta e Sábado às 21h00
Domingo às 17h30
Sala Principal; m/3

Composição

Christoph Willibald Gluck

Libreto

Ranieri de Calzabigi

Encenação

Clara Andermatt

Direcção Artística do

Estúdio de Ópera da ESML,

Edição e Preparação musical

Nicholas McNair

Cenografia e Desenho de luz

Rui Horta

Figurinos

Aleksandar Protic

Assistência de encenação

Madalena Brak-Lamy

Direcção técnica

Luís Bombico

Produção executiva

ACCA

Espaço do Tempo

Direcção de produção

Alexandra Sabino

Tour manager

Ana Carina Paulino

Operação de legendagem

Nuno da Rocha

Cabelos

&SoWhat

Solistas

Carmen Matos, *Helena*

Marina Pacheco, *Páris*

Sara Carolina Marques, *Amore*

Sónia Alcobaça, *Pallas*

Direcção Musical

(coro e orquestra)

Clara Alcobia Coelho

Co-produção

Escola Superior de Música

ACCA

Espaço do Tempo

SLTM

Agradecimentos

Stephen Bull

Movimento de Expressão Fotográfica

José Cedoura

Jonas Runa

José Luis Ferreira

Antena 2

Festival Cistermúsica

Theatro Circo

ESTÚDIO DE ÓPERA DA ESML

Pedro Moreira *director ESML*

A criação do Estúdio de Ópera da Escola Superior de Música de Lisboa (ESML) tem como objectivos essenciais a formação em exercício, recorrendo a profissionais do sector; a produção de espectáculos organicamente articulados nas suas vertentes artística e técnica; e a itinerância dos espectáculos produzidos, na perspectiva de formação de públicos. Desta forma pretende-se, para além da aposta na formação numa área tão exigente, uma forte ligação ao mundo profissional que melhor prepare os estudantes da ESML a prosseguir as suas carreiras. Paralelamente, pode dar um contributo significativo para a divulgação deste estilo musical através da sua apresentação em vários espaços do país, numa altura em que, como sabemos, a ópera e as instituições a ela dedicadas lutam pela sua afirmação.

Com a direcção artística de Nicholas McNair, o Estúdio de Ópera da ESML é um espaço criativo onde alunos e profissionais se encontram, e partilham, de forma inovadora, a criação de projectos nas áreas de música, teatro e artes performativas. Novas correntes teatrais e técnicas de improvisação podem contribuir a revitalizar aspectos da ópera que, com desgaste do repertório tradicional, podem tornar-se menos apelativos. Ao mesmo tempo, um cuidadoso trabalho de investigação pode trazer à luz surpresas do passado, tradições de interpretação que se perderam, e peças que merecem uma nova abordagem.

A estreia do Estúdio de Ópera representa para a ESML um momento muito especial, reforçando a sua aposta estratégica de afirmação da escola no tecido cultural e profissional do nosso país. A colaboração com nomes como Clara Andermatt e Rui Horta, assim como as instituições que acolheram este projecto são motivos de forte orgulho.

O MOVIMENTO DA ÓPERA

Clara Andermatt *encenação*

Aceitar o convite para encenar esta ópera surgiu como sequência natural do meu percurso. A música, a teatralidade, a poesia, sempre estiveram muito presente nos meus trabalhos. *Páris e Helena* reúne todos estes elementos.

Na abordagem inicial a esta encenação houve um momento chave em que foi inevitável escolher um caminho. Tinha como base um libreto com indicações precisas de espaços, de intenções, de adereços, etc. Queria trabalhar uma estética contemporânea, mas ao mesmo tempo sem fugir ao sentimento e à formalidade clássica. Esse foi o ponto sem retorno de uma opção estética. Tudo está suspenso por esse equilíbrio entre o clássico e o contemporâneo.

Por outro lado e não menos importante, o 'mito' é o aspecto primordial de toda a peça com uma força simbólica muito forte que está presente na energia da música e na beleza da história, que é fundamentalmente uma história de amor. O 'mito' é misterioso... princípio criativo da imaginação sobre o mundo.

Há uma opção deliberada em ter uma cenografia minimal e funcional, despojada de meios cénicos, de objectos e adereços, que escolhemos representar metaforicamente através dos corpos.

Para criar este equilíbrio e manter a dinâmica da peça baseei a criação dos movimentos em quatro tipos:

Movimento Arquitectónico - distribuição e movimentação do coro no espaço de maneira a criar cenários diferentes dando destaque à acção principal. A ópera *Die Soldaten* de B. A. Zimmermann foi uma referência muito inspiradora para esta abordagem;

Movimento Interpretativo - gestos e movimentos coreográficos, intenções ou emoções que pretendem transmitir aquilo que o personagem sente, ouve e vê;

Movimento Dinâmico - que corresponde aos momentos de 'dança' descritos no libreto como 'ballet' e que originalmente seriam executados por bailarinos.

Movimento Estático - Em momentos específicos da obra procurei criar 'quadros', imagens estáticas que acompanhassem a solenidade da música. Para estes momentos inspirei-me, principalmente em duas obras de Botticelli, *O nascimento de Vénus* e *A Primavera*. Esses quadros acabaram por contaminar todo o ambiente da peça impregnando-o de sensualidade.

Fazer este trabalho de movimento em simultâneo com o canto implicou esticar as regras da postura tradicional dos cantores para zonas menos confortáveis. Os intérpretes aderiram ao desafio com entrega e vontade de ultrapassarem os seus próprios limites.

Com a equipa que me rodeou houve sempre um trabalho de parceria artística muito próximo. A minha cumplicidade e entendimento artístico com o Rui Horta, a enorme entrega e dedicação do Nicholas McNair, a colaboração fiel do Aleksandar Protic, as contribuições na direcção do coro e orquestra da Clara Alcobia Coelho e do Pedro Castro concorreram para construir este espectáculo onde as diferentes artes se unem e se interligam para criar uma ópera, a que Wagner designa como 'obra de arte total'.

**Coro do Estúdio
de Ópera da Escola Superior
de Música de Lisboa**
(responsável: Clara Alcobia Coelho)

sopranos
Teresa Duarte
Rita Marques
Ana Sofia Ventura
Marta Garcia
altos
Raquel Fernandes
Cláudia Nunes
Marta Cepêda
Laura Lopes
tenores
Avelino Abreu
Pedro Matos
Rui Aleixo
Pedro Cachado
baixos
Eduardo Martins
Ruben Rodeia
Gustavo Lopes

**Orquestra de Música
Antiga da Escola Superior
de Música de Lisboa**
(responsável: Pedro Castro)

violino
Stephen Bull
Miguel Vasconcelos
viola
Catarina Silva
violoncelo
Raquel Merrelho
contrabaixo
Cristiana Sousa
cravo
Catarina Melo
oboé
Salomé Alves
João Bailegas
flauta
Sara Marques
Dina Hernandez
trompa
Danny Cruz
Catarina Dinis
fagote
Paulo Sousa
percussão
João Luis Lopes

Resumo dos actos

(Intervalo de 20 minutos entre os actos III e IV)

I

Praia perto da cidade de Esparta

Chegada de Páris e seus companheiros a Esparta. Os Troianos celebram a Deusa Vénus cantando em seu louvor. Páris exprime o seu desejo por Helena, cuja beleza conhece a partir de uma visão. Entra Erasto, criado de Helena, que na realidade é Amore (Cupido) disfarçado. Páris explica o que o traz a Esparta contando que Júpiter o encarregou de julgar qual a mais bela entre as Deusas - Vénus, Juno ou Palas (Minerva). No entanto, perante a fama da beleza de Helena quis certificar-se se os encantos desta eram superiores aos de Vénus, a eleita. Erasto percebe que Páris está apaixonado por Helena e este, apanhado no seu segredo, pede-lhe que não denuncie o seu amor. Erasto/Amore revela que o seu intento é ajudar Páris a conquistar Helena.

II

Uma sala no palácio real de Esparta

Helena prepara-se para receber Páris, enquanto Erasto descreve as suas qualidades, numa tentativa de encorajá-la a interessar-se por ele. Páris entra e ambos ficam estupefactos perante a beleza um do outro. Páris declara que o seu julgamento a favor de Vénus fica suspenso, dada a beleza superior de Helena; ela por sua vez, responde com indiferença, mas convida-o a permanecer no palácio. Páris exprime a sua confusão e estranheza perante os acontecimentos desde a chegada a Esparta. Sente toda a sua autoconfiança a desaparecer e é só nas promessas da Deusa Vénus que encontra esperança.

III

Palácio real em Esparta

Ao som de uma marcha militar, homens e mulheres entram segundo o costume espartano. Helena pede a Páris para ser árbitro nos jogos organizados em sua honra. Dá-se início à competição. Comentando a rudeza da música espartana Helena pede a Páris que, com a sua lira, lhe toque uma harmonia mais delicada. Páris canta uma ária cada vez mais ousada em louvor da beleza de Helena. Esta, incomodada com a insinuação amorosa das suas palavras, acaba por interrompê-lo. Nesse momento Páris sente-se mal e desmaia. Helena, sozinha com ele, não sabe como reagir à situação, mas Páris recupera os sentidos e declara a sua paixão abertamente. Helena diz que é noiva de outro e rejeita os seus avanços. Páris sente que a única solução para ele é a morte.

IV

Aposentos reais

Helena lê uma carta de Páris na qual este lhe suplica que fuja com ele para Tróia. Furiosa, ela resolve escrever uma resposta a rejeitar os seus avanços. Ordena a Erasto que entregue a carta a Páris que entra nesse momento. Erasto aproveita a oportunidade para continuar a sua estratégia para os juntar e entrega-lhe directamente a missiva. Destroçado, Páris pede a Helena que o mate para pôr fim aos seus tormentos. Ela suplica-lhe que deixe Esparta se realmente a ama mas Páris insiste que prefere morrer. Helena decide honrar o seu noivado, seguindo o caminho mais racional, apesar dos seus sentimentos.

V

Jardim do palácio

Erasto, continuando os seus planos, engana Helena fingindo que Páris está de partida para Tróia. Ela, furiosa, por Páris partir sem lhe comunicar, jura vingança. Páris entra e Erasto revela-lhe que Helena o ama. Perante esta traição, Helena demite-o das suas funções e Erasto mostra a sua verdadeira identidade. Páris, reconhecendo que Vénus está do seu lado, convence Helena a ceder. Nesse momento aparece a deusa Palas que profetiza a iminente guerra de Tróia desencadeada pelo amor entre os dois. Intimidados, questionam-se sobre o que fazer mas decidem enfrentar as consequências da sua união. Amore promete-lhes a sua protecção contra a fúria de Palas, e celebra com eles a chama eterna do amor.